

BANHEIRO PÚBLICO, GRAFITO PRIVADO: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE AS INSCRIÇÕES NOS BANHEIROS PÚBLICOS FEMININOS

JULIANA DOS SANTOS NUNES¹; ROGÉRIO RÉUS GONÇALVES DA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – rodaviva.nunes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rosa.rogeriogoncalves@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio visa pensar, a partir da Antropologia, os chamados *grafitos* de banheiros públicos, especialmente os femininos, trazendo para a discussão o sentido dessas escritas e as suas mais variadas formas de expressão e comunicação.

Os banheiros públicos tiveram, ao longo da história, um papel fundamental dentro da estrutura social, ora como um refúgio e relaxamento do corpo, como espaço para a intimidade e para a higiene, ora como lugar de divertimento e como conquista sexual. Nesse caso, podemos citar os banhos públicos romanos e gregos.

Também podemos mencionar o banheiro como um local “excluído da casa, antes até mesmo fora delas; do espaço do lar considerado limpo e puro, um local silencioso, onde os pensamentos impuros e proibidos ganham evasão” (ABUD; ROSA, 2015).

Por essas ambigüidades, o banheiro suscita inúmeras interpretações dos intelectuais, pois pode ser considerado um local para extravasar o “eu” profundo, ou seja, as subjetividades dos indivíduos, bem como uma parte da casa onde se repele tudo o que contamina o corpo, aqui tanto no sentido biológico como simbólico.

Com as características acima citadas, os banheiros foram locais propícios para o aparecimento dos primeiros grafites e *grafitos* da história da humanidade, passando, portanto, a ser um local para comunicação e para a expressão das “intimidades” do *corpus* social das cidades, fazendo eco às inquietações de determinados segmentos. “Inscrições encontradas em Pompéia atestam a antiguidade desse comportamento.” (OTTA; TEIXEIRA, 1998).

O termo *grafito* pode ser considerado como: “abrangente tanto dos escritos, como das manifestações artísticas ou estilísticas, encontradas em banheiros públicos” (SANTOS, 2012), também podendo ser designados por

“escritas latrinárias” (OTTA; TEIXEIRA, 1998). Ainda pode ser: “um enredo elaborado, simbologias, fontes de investigação que possibilitam análises sociais.” (ABUD; ROSA, 2015).

2. METODOLOGIA

O método aplicado foi a realização de um levantamento imagético em um conjunto de banheiros (nas cidades de Pelotas, Porto Alegre, Jaguarão e Belo Horizonte), a partir da fotografia do *grafito* desejado, passando de cabine a cabine (quando houvesse mais de um sanitário reservado), usando apenas o celular, no modo silencioso.

Não houve entrevista ou diálogo com as usuárias desses espaços, considerando que o objeto desse ensaio é justamente pensar as comunicações, expressões artísticas e estilísticas dessas mulheres e suas reivindicações na forma escrita.

O método etnográfico foi o instrumento para a realização desse ensaio, especialmente a “etnografia flutuante”, ao considerar não somente a ausência, no sentido presencial, das interlocutoras e colaboradoras, mas a postura de *flâneur* da pesquisadora ao adentrar nos banheiros tendo como objetivo de “passear” entre os *grafitos*.

Pode-se considerar que as inscrições são as interlocutoras e as colaboradoras do presente texto, em uma relação que “flutua” entre as expressões artísticas e comunicativas sentidas e coletadas, esse transitar: “consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção.” (PÉTONNET, 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir definições elencadas na Introdução, passamos para alguns exemplos de *grafitos*, especialmente àqueles relacionados aos direitos femininos, masturbação, corpo e sua apropriação, bem como menstruação, foram abundantes no ano de 2016, em Pelotas, especialmente durante os atos contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Inscrições sobre amor e relacionamentos, interação entre as usuárias, recadinhos, prostituição, continuam sendo recorrentes, durante o levantamento realizado desde o final de 2015 a meados de 2017 nas cidades de Jaguarão e Pelotas.

Abaixo reproduzirei como exemplo, um compilado de imagens dos lugares referenciados, a título de conhecimento do que está sendo produzido por essas mulheres nos banheiros públicos.



Porto Alegre, Pelotas, Porto Alegre, Jaguarão, Pelotas e Belo Horizonte, respectivamente.

Para Nwoye *apud* Otta, essas inscrições em banheiros “estão longe de serem atos de vandalismo [...] são na verdade modos expressivos para articular questões sociais e políticas, adotados por grupos os quais foram negadas outras vias de expressão pessoal.” (OTTA; TEIXEIRA, 1998).

Pensando na história das mulheres e nos movimentos em busca por igualdade de direitos, bem como na violência sofrida, no sufocamento das identidades e subjetividades, o banheiro, por ser um local íntimo, permite a muitas mulheres ser o que se quiser ser: “mais que inscritos, pois inscrevem subjetividades e desejos, se referem a marcas do sujeito que assumem formas inúmeras e ganham intencionalidade própria.” (SANTOS, 2012).

4. CONCLUSÕES

A partir desses primeiros dados, o espaço do banheiro propicia a discussão e a interação de mulheres, das mais variadas idades, classes sociais, raça e etnia, com assuntos que vão desde a consciência e a apropriação do “eu feminino”, corpo e desejos sexuais, bem como temas que envolvem a prostituição e os relacionamentos amorosos.

Pensar, tendo o olhar focado nessas interlocuturas e colaboradoras, no *grafito* em seu teor não somente artístico, mas de denúncia social, de posicionamento e de encontros subjetivos e também objetivos e na sua publicidade anônima nas cabines sanitárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Cristiane de C. Ramos; ROSA, Maristela da. Diários Íntimos: análise de escritos em banheiros públicos femininos de Florianópolis. **1º COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL DA CIDADE**, Porto Alegre, Sessão Temática Sensibilidade, p.243-254, 2015.
<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/17SEcristianecramosabudmaristeladarosa.pdf>

SANTOS, Ludmila Helena Rodrigues dos Santos. **Triste Sina de Ser Poeta de Latrina**. 2012, Dissertação – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos. Capítulo I.

OTTA, Ema; TEIXEIRA, Renata Plaza. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.3, n. 2, p. 229-250, 1998.

PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 25, 2º sem. p. 99-111, 2008.